

A morte entre Sá-Carneiro e Noel Rosa

MARCUS BACAMARTE

«Quero ir para a morte
Como para uma festa ao crepúsculo»

ALVARO DE CAMPOS

O espaço intertextual é uma praça cosmopolita onde a algazarra das crianças cruza com o pensamento dos velhos, o pregão do vendedor tinge a canção do repentista, um chinês fala sânscrito e um grego ouve tupi. Onde uma voz vem de todos os lugares e ao mesmo tempo de nenhum. Vila Isabel e Paris. De repente, nessa praça, surge um cortejo, mistura de festa e funeral: um caixão sobre um burro com uma mulata sambando em cima e uma troupe de saltimbancos ao redor.

Nesse espaço privilegiado do acaso e da multiplicidade é que se cruzam a canção *Fita Amarela* de Noel Rosa e o poema *Fim* de Mário de Sá-Carneiro.

Fim

Quando eu morrer batam em latas,
Rompam aos saltos e aos pinotes,
Façam estalar no ar chicotes,
Chamem palhaços e acrobatas!

Que o meu caixão vá sobre um burro
Ajazado à andaluza...
A um morto nada se recusa,
E eu quero por força ir de burro! ¹

Fita Amarela

Quando eu morrer
Não quero choro nem vela,
Quero uma fita amarela
Gravada com o nome dela.

Se existe alma,
Se há outra encarnação,
Eu queria que a mulata
Sapateasse no meu caixão.

Não quero flores
Nem coroa com espinho,
Só quero choro de flauta,
Violão e cavaquinho.

Estou contente,
Consolidado por saber
Que as morenas tão formosas
A terra um dia vai comer.

Não tenho herdeiros,
Não possuo um só vintém,
Eu vivi devendo a todos
Mas não paguei nada a ninguém.

Meus inimigos,
Que hoje falam mal de mim,
Vão dizer que nunca viram
Uma pessoa tão boa assim.²

Uma vista superficial já nos mostra que há algo mais do que simplesmente a grandiosidade a aproximar os dois textos. O verso que inicia os dois poemas («Quando eu morrer») parece esconder muitos pontos de contato entre essas duas produções.

A preocupação com a própria morte, com o funeral, é um tema recorrente em toda a literatura ocidental e, ao mesmo tempo em que reúne os dois textos que ora estudamos, separa-os, por não trazer em seu bojo uma especificidade relativa aos mesmos. Essa ambigüidade do processo intertextual interessa-nos muito pois, colocando a história da produção cultural como o entrelugar onde se cruzam todos os discursos, literários ou não, a intertextualidade explode com a necessidade de uma linha direta texto a texto e torna circulares as malhas da rede que ligam os discursos, sobre o pano de fundo dessa mesma história. «Dilui-se, dessa maneira, a fronteira rígida entre produção popular e erudita. A oposição pura e simples entre cultura erudita e cultura popular é expressão de uma concepção de cultura como algo parado no tempo, reificado, cultura como sinônimo de arquivo morto. A cultura é, ao contrário, construída a cada instante, pelas relações inter-humanas».³

O tema do funeral vai aparecer sob roupagens diferentes e às vezes com o mesmo verso (Quando eu morrer) em poetas como Mário de Andrade, Álvares de Azevedo, Fernando Pessoa e Antônio Nobre, entre outros.

Dois poetas: um «erudito», Mário de Sá-Carneiro, e outro «popular», Noel Rosa (coloquemos estas palavras entre aspas). Ambos morreram aos vinte e seis anos de idade, escreveram suas obras em curto espaço de tempo e, de certa forma, ambos se suicidaram (Noel apesar de não ter cometido suicídio no sentido próprio da palavra, estava tuberculoso e preferiu viver pouco, mas bem, a se tratar, o que acarretaria o abandono da vida boêmia, configurando assim uma forma de suicídio, de decisão sobre como morrer). Ambos tinham raiva do próprio corpo, uma pelo defeito no queixo e o outro pela gordura: «o balofo arrotando Império astral/o esfinge gorda...» (Aqueloutro). Sá-Carneiro morreu em 1916 dizendo: «De aqui a vinte anos a minha literatura talvez se entenda» (Caranguegola) e vinte anos depois Noel escreve: «Quem é que já sofreu mais do

que eu?» (Sei sofrer) repetindo uma atitude mórbida e narcisista tão ao gosto do autor de *Dispersão*.

Deixando de lado os dados pessoais, nos próprios textos é que vamos reunir os dois poetas. Mais do que o tema, a forma de apresentá-lo é que une os poemas.

Um primeiro dado é a presença do verso inicial («Quando eu morrer») que conduz toda a estrutura dos dois poemas, como um «leit-motif» elíptico, em cada verso de Sá-Carneiro e em cada estrofe de Noel. Tudo gira em torno deste verso inicial. Preocupação metafísica? Parece-nos mais um desejo de perpetuação, como se o ritual da morte fosse a garantia da memória. É preciso morrer para estar realmente vivo, pois estar vivo é ser lembrado. Daí a inversão no próprio ritual. «Só quero choro de flauta/violão e cavaquinho» (Noel); «... batam em latas/chamem palhaços e acrobatas» (Sá-Carneiro). Essa visão do funeral como festa aparece inclusive em outro poema de Sá-Carneiro, *Sete canções de declínio*, o que o aproxima também daqueles dois:

«Embora num funeral
Desfraldemos as bandeiras:
Só as cores são verdadeiras —
Siga sempre o festival!

(.....)

Fitas de cor, vozearia —
Os automóveis repletos:
Seus chauffeurs — os meus afetos
Com librés de fantasia!»⁴

A dor do poeta desperta o seu desejo mórbido de que a beleza deste mundo (que ele não tem) também se acabe: «Estou contente/Consolado por saber/Que as morenas tão formosas/A terra um dia vai comer». (Noel). Um quer que o «... caixão vá sobre um burro», o outro que «... a mulata sapateie no seu caixão». Este achincalhe da própria morte é uma vingança contra este mundo e, contraditoriamente, como já vimos, um desejo de memória. «O poeta ironiza a própria morte com elegância e ternura rasgada pelas coisas do samba».⁵

Assim, a marca dos dois poemas é exatamente o desejo. Cada um dos textos é construído para explicar o desejo contido no primeiro verso, que pode ser entendido como: Quando eu for lembrado! Tudo é em função da memória. Essa atitude é exemplificada de modo concreto nas cerimônias fúnebres dos negros do sul dos Estados Unidos, onde a música (blues) faz a festa em honra do morto, como elemento de memória (blues quer dizer tristeza, sendo o ritual uma verdadeira festa).

Voltando à questão do espaço intertextual como forma de diluição das categorias «erudito» e «popular», cabe aqui citar uma frase de João Antônio sobre Noel Rosa: «O poeta transcende o cenário do seu bairro-país de Vila Isabel ou de sua cidade-Mulher, o ex-Distrito Federal, o Rio de Janeiro, atira as letras de suas composições no próprio sentido da condição humana e, como os grandes poetas — embora fazendo música popular — diz o indizível». ⁶ (Grifo meu).

E o cortejo segue o seu caminho, circula na praça onde não há direção nem sentido determinados, agrega vozes, mistura ritos e some para surgir mais à frente em um outro ponto qualquer.

NOTAS

1. SA-CARNEIRO, Mário de. *Sá-Carneiro — Todos os poemas*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A., 1976, p. 133.
2. CIVITA, Vitor, ed. *Literatura Comentada — Noel Rosa*. Organização de Textos e Estudo Crítico de FERREIRA FILHO, João Antônio. São Paulo, Abril S.A. Cultural e Industrial, 1982, p. 68/69.
3. CURY, Maria Zilda Ferreira. *Intertextualidade; uma prática contraditória*. In: *Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, Ano IV, número 8, 1982, p. 126.
4. SA-CARNEIRO, Mário de, op. cit., p. 97.
5. FERREIRA FILHO, João Antônio. *Trágico, Lírico, Patético, Constrangedor — Noel é o filósofo do samba*. In: CIVITA, Vitor, ed. *Literatura Comentada*. Noel Rosa. Organização de Textos e Estudo Crítico de FERREIRA FILHO, João Antônio. São Paulo, Abril S.A. Cultura e Industrial, 1982, p. 68.
6. FERREIRA FILHO, João Antônio, op. cit., p. 68.